

CORPO: SOM E MOVIMENTO

Acalantos afro-brasileiros

Por Denise Guerra

*Especialista em África / Brasil: Laços e Diferenças - UCB
E-mail: denise.guerra@yahoo.com.br*

“Eu preparo uma canção
Em que minha mãe se reconheça
Todas as mães se reconheçam
E que fale como dois olhos(...)
Eu preparo uma canção
Que faça acordar os homens
E adormecer as crianças.”

(Canção Amiga: Carlos Drumond de Andrade & Milton Nascimento)

Com origem na tradição oral anônima, atravessando o tempo dos cantos ancestrais, e com objetivo de embalar o sono infantil através da maternagem, os Acalantos surgiram no mundo todo, nas mais diversas línguas. Particularmente no adocicado das repetições onomatopéicas eles cumprem seus objetivos de entorpecer a criança até o sono e no contato corporal com a “mãe suficientemente boa” (termo usado por Winnicott-1975, significando a figura que faz a maternagem) dar o continente afetivo que ela precisa para se constituir como pessoa.

Segundo Mário de Andrade (1987) os elementos formais da música, o Som e o Ritmo, são tão velhos como o homem, por estarem presentes nele mesmo, nos movimentos do coração, no simples ato de respirar, no caminhar, nas mãos que percutem e na voz que produz o som; e Millecco Filho (2001) complementa afirmando que “Quando o homem se percebe como um instrumento, como um corpo sonoro, e descobre que estes sons podem ser organizados, nasce a música.” Desta forma, o homem começou a organizar estes elementos sonoros expressando-se musicalmente e utilizando sua arte para diversos benefícios.

O canto acompanha o homem em todas as culturas e nas mais diversas situações: lúdicas, afetuosas, fúnebres, sagradas, profanas. Aos quatro meses de gestação o feto humano já desenvolveu o sentido da audição; assim, o pequeno ser em construção recebe os contatos do mundo extra-uterino e a audição lhe permite

diversas sensações como o prazer ou a angústia. O feto ouve principalmente os batimentos cardíacos e a circulação sanguínea tanto sua quanto da mãe em questão, além de outros sons internos e externos.

Um dos sons mais significativos para a criança é o som da voz da mãe que ela reconhece sem dúvida nenhuma logo que nasce. A voz da mãe com sua candura e afeto é que vai dar à criança o *holding* necessário para que ela se adapte a vida fora do útero materno. Neste sentido, os Acalantos se transformam em redomas acolhedoras à nossa pré-maturidade cultural.

(Seduzir – Djavan)

“Cantar é mover o dom
Do fundo de uma paixão
Seduzir as pedras
Catedrais, Coração (...)

Nas fazendas dos senhores de engenho do Brasil colonial, era comum a prática das famílias brancas entregarem os filhos para serem amamentados e cuidados pelas amas de leite negras. Este ato se refletiu tanto na criação dos meninos (as) do engenho como nos seus jogos e cantigas (Kishimoto, 1995). Há relatos em Freyre (2000) de como este hábito acabou por misturar os costumes portugueses e indígenas com as tradições africanas. Desta forma, os Acalantos típicos portugueses ganharam personagens do folclore africano, além de ser introduzidos na cultura brasileira o folclore africano propriamente dito.

Os personagens de influência africana para as cantigas de ninar afro-brasileiras ao invés da Coca ou do Bicho Papão passam a ser: Negros surrões, Negros velhos, Papa-figo (que come o fígado das crianças), Boi da cara preta, Sacipererê, Zumbi, Bicho Tutu, Tutu Marambá. Vejamos alguns exemplos:

(Bicho Tutu – Domínio Público)

“Bicho Tutu
Sai de cima do telhado
Deixa o menino
Dormir sossegado”

(Tutu Marambá– Domínio Público)

“Tutu Marambá
Não venha mais cá
Que a mãe do menino
Te manda matar”

(Murucututu– Domínio Público)

“Murucututu
Da beira do telhado
Pega este menino
Que ainda está acordado”

Conforme Lopes (2004) Tutu é o mesmo que “Bicho-Papão da tradição afro brasileira; maioral, manda-chuva; indivíduo valente, brigão. Do quimbundo *tutu*, *kitutu*, “bicho”, “bicho-papão”. Variantes: Tutu-babá, tutu-cambê, tutu-gombê, tutu-marambaia, tutu-moringa, tutu-quiba, tutu-zambeta, tutu-zembê, tutu-zerê.” Estas três cantigas apresentam variações do Bicho Tutu que por sua vez é o próprio Bicho-papão muitas vezes personificado pelo Velho do saco, Papa-figo, Negro-velho, Negro-surrão; talvez por alguma associação a imagem do Preto-velho, ligado a “feitiçaria”, aquele que possivelmente faz rituais macabros com crianças. Estigmas comuns até os dias de hoje. Parece contraditório vermos que a maioria dos acalantos para acalmar as crianças costuma ter temas tão ameaçadores, no entanto, uma justificativa para este fato é que é a tal ameaça que potencializaria a proteção dada pela figura materna.

Outros temas comuns nos acalantos afro-brasileiros são as referências às mulheres negras escravizadas e seus afazeres domésticos. Observem estes dois exemplos abaixo:

(Mucama Bonita– Domínio Público)

“Mucama Bonita
Vinda da Bahia
Toma este menino
E lava na bacia

Mucama Mulata
Vinda do Rio
Toma este menino
Proteja-o do frio”

(Acalanto – Domínio Público)

“Menino vá dormir
Eu tenho o que fazer
Vou lavar, vou cozinhar,
Vou sentar para coser

Menino durma cedo
Dormindo vais crescer
Vais ser forte e corajoso
Pra poder se defender”

Mais uma vez seguimos os conceitos de Lopes (2004) para entender o significado de Mucama “Escrava doméstica. Em espanhol, o vocábulo tem o moderno sentido de “criada”, “arrumadeira de hotel”. Do quimbundo “Mukama” “Concubina”, “escrava amante do senhor”. Trata-se nestas duas cantigas de uma personagem materna negra que além de escravizada e serviçal doméstica, provavelmente poderia servir sexualmente ao senhor da casa grande e ainda cuidar do seu filho. O peso nas costas da mulher negra escravizada talvez fosse maior do que o do homem negro escravizado, pois, a exploração não era só para os trabalhos braçais mas, muitas vezes sexualmente, fazendo-as forçadamente pôr no mundo seus filhos bastardos, herdeiros do algoz. Este corpo-ser feminino mais do que invadido, desgastado e

ultrajado emocionalmente ainda encontrava afeto materno para cantar acalantos e embalar as crianças que chegavam aos seus cuidados.

Por derradeiro, lembro um Acalanto muito famoso no Brasil devido a nossa tradição rural:

(Boi da Cara Preta – Domínio Público)

“Boi, boi, boi
Boi da Cara Preta
Pega este menino
Que tem medo de careta”

Encontramos na literatura oral de todo o país os autos do boi com variados nomes e versões, falando do bicho que é “brabo”, de sua força e de suas façanhas escapando sempre da morte ou renascendo magicamente depois de morto. No auto do Boi-Bumbá os personagens centrais são Pai Francisco e Mãe Catirina, ambos negros cativos. Pai Francisco mata o melhor boi do seu senhor para tirar-lhe a língua para Mãe Catirina comer, pois, ela que estava grávida teve este desejo. Em seguida o senhor manda matar o Pai Francisco e Mãe Catirina pede então ao feiticeiro para fazer renascer o Boi-Bumbá para livrar o Pai Francisco da morte. O bicho renasce e finalmente ocorre a grande festa. Observe o poder de Mãe Catirina com relação a vida onde seus desejos maternos são todos possíveis: matar o melhor boi do senhor para comer-lhe a língua, impedir que Pai Francisco seja morto, pedir pela magia do feiticeiro o renascimento do boi e satisfazer seus desejos de grávida. Por maior que seja o poder do boi o da mãe que embala parece bem maior.

O “Leite Sonoro” das mucamas negras nutriu, exorcizou medos, abrandou e criou este sujeito brejeiro, cheio de gingado, festivo, receptivo, afro-mestiço brasileiro. No mínimo o que o brasileiro deve a estes bens em forma de acalantos e suas benfeitoras negras é prestar-lhes homenagens, quem sabe “bater cabeça” para a grande mãe África que o embalou! Parafraseando a Prof^a Dr^a Conceição Evaristo: “Que estas cantigas não tenham servido só para embalar o sono dos senhores das casas-grandes, mas, para acordá-los dos seus sonos injustos!”.

(Alguém Cantando – Caetano Veloso)

“Alguém cantando longe daqui
Alguém cantando longe, longe
Alguém cantando muito
Alguém cantando bem
Alguém cantando é bom de se ouvir
Alguém cantando alguma canção
A voz de alguém nessa imensidão
A voz de alguém que canta
A voz de um certo alguém
Que canta como que pra ninguém
A voz de alguém quando vem do coração
De quem mantém toda a pureza
Da natureza
Onde não há pecado nem perdão”

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. **Pequena História da Música**. 9ªed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 1987.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 6ªed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 1988.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e Senzala**. 50ª edição. São Paulo: Global Editora, 2005.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos Tradicionais Infantis: O jogo, a criança e a educação**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2004.

MILLECCO FILHO, Luís Antônio e outros. **É Preciso Cantar: Musicoterapia, Cantos e Canções**. Rio de Janeiro: Enelivros Editora e Livraria Ltda, 2001.

WINNICOTT. D.W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975.